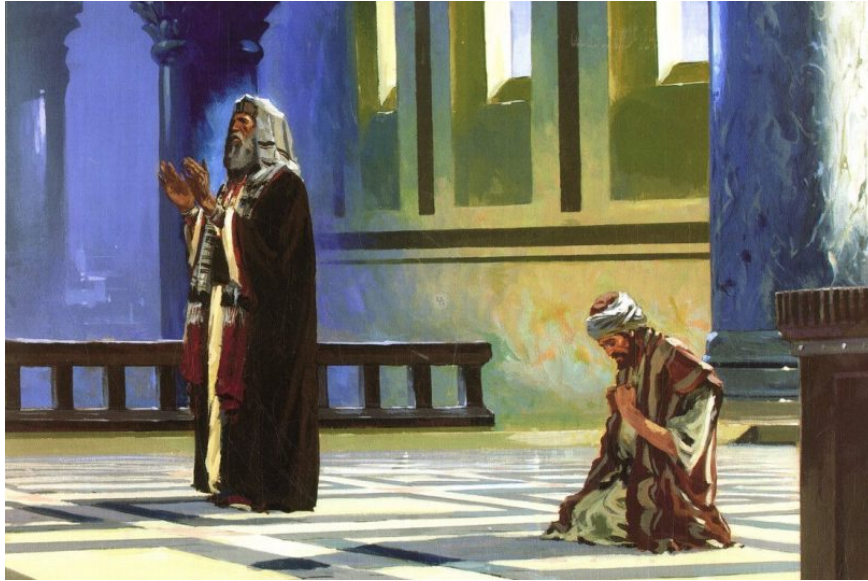


Parábola : O Fariseu e o Publicano - Lc 18.9-14.



De acordo com **O Evangelho segundo o Espiritismo**, em sua introdução, p. 38:

Os fariseus formavam uma das mais influentes seitas judaicas à época de Jesus. *Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de proselitismo (empenho ativista de converter uma ou várias pessoas a uma determinada causa, ideia ou religião*), inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios ...*

Os publicanos eram, à mesma época, cobradores de impostos. Os [...] riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. (Ou seja, nem sempre eram muito honestos)

*dicionarioinformal.com.br

Parábola:

“Dois homens subiram ao templo, a orar, um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira:

Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!

Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado. [Lucas, 18:9-14.](#)”

Cenário da Parábola:

Jesus montou um cenário que nos auxilia o entendimento da sua parábola e do ensinamento que queria passar, selecionando um local e personagens bastante conhecidos da época, para ilustrar os malefícios do orgulho e os benefícios da humildade.

O templo, lugar onde ocorreu o encontro do fariseu e do publicano, é usualmente entendido como um espaço sagrado, destinado às práticas religiosas; ao louvor, agradecimento e súplicas dirigidas a Deus. É sempre visto como um local de oração. Quando alguém, religioso ou não, adentra um templo, geralmente assume uma postura mais respeitosa. Posição esta que foi rejeitada pelo fariseu e assumida pelo publicano.

Podemos entender também que “Templo”, tem outro significado mais subjetivo e profundo: indica o centro ou a essência do nosso interior, onde trazemos gravados nossos sonhos e ideais. O Espiritismo ensina que à medida que evoluímos santificamos também este templo íntimo, aperfeiçoando sentimentos, pensamentos, palavras e ações.

Personagens:

Os personagens, da parábola, o **fariseu e o publicano**, eram elementos de destaque na sociedade judaica, à época de Jesus.

Fariseu - Identificamos na figura do **fariseu** as pessoas que não se misturam com as demais, por escrúpulo, por orgulho, ou porque não gostam de discutir ideias. Em geral, são detalhistas, personalistas, isoladas em ideias e posições, inclusive nas práticas religiosas.

Por trazerem a visão focada, passam pela vida quase sempre indiferentes às necessidades dos semelhantes. Costumam ser, também, indivíduos cultos, mas vaidosos do saber que possuem. Mostram-se autoritários e exigentes em relação às pessoas que lhes estão subordinadas.

O fariseu ou o espírito do farisaísmo retrata, infelizmente, muitos de nós, estudantes da doutrina espírita já empenhados na luta do crescimento, mas ainda distanciados da capacidade de amar incondicionalmente e indistintamente (Diferença entre saber e praticar; saber e ser)

Publicanos - Os publicanos, por outro lado, não representavam uma casta sacerdotal, mas, sim, cobradores de impostos ou de tributos definidos pelo domínio romano na Palestina.

A opção de Jesus de ilustrar a parábola com esses dois personagens sugere ser proposital, nos permitindo refletir se, face o programa de melhoria que estamos empenhados, estamos colocando em prática as lições edificantes que nos chegam continuamente do plano maior.

O nosso desejo, obviamente, é seguir o comportamento do publicano, devemos, porém, ficar atentos de que ainda trazemos muitas características da postura do fariseu nos meandros do nosso psiquismo.

Sobre a Oração ou Prece

Jesus faz um contraste entre a oração realizada pelo fariseu, que era um religioso da época e a realizada por um publicano, que era um cobrador de impostos e, por esse fato, era de um grupo muito odiado pelas pessoas e até considerado pecador da pior qualidade.

“O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo. (Lc 18:11,12).”

A oração do fariseu tem expressões infelizes que refletem, sobretudo, orgulho religioso, considerado como vaidade perniciosa, já que pode conduzir à falsa crença de que, sendo religioso ou praticante de uma religião, é uma criatura melhor, superior, iluminada ou escolhida por Deus. A vaidade de alguns religiosos pode ser entendida como uma exacerbação do amor-próprio, confiantes de que Deus se sente honrado em tê-los como adeptos.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, encontramos que: O [...] objetivo da prece consiste em elevar a nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas nenhuma diferença deve criar entre os que nele creem, nem, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, porquanto Deus as aceita todas quando sinceras. [...] O espiritismo reconhece boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não de lábios somente.

Nenhuma impõe, nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é sumamente grande para repelir a voz que lhe suplica ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo e não de outro. [...]

A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lentejoulas. Cada prece deve ter um alcance próprio, despertar uma ideia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo não passa de ruído.

O fariseu não proferiu uma prece, propriamente dita, mas uma vaidosa auto louvação, identificada nas seguintes frases do texto evangélico: “Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano”.

A propósito, esclarece Allan Kardec como devemos orar:

“Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau. “

Em outras palavra, o que vale em uma prece é o sentimento. Ironizar, fazer comparações infelizes é fugir aos padrões de que se deve fazer. Orando, devemos nos colocar em estado de humildade e receptividade.

Sobre o Orgulho e a Humildade:

Fariseu - A personalidade orgulhosa e vaidosa do fariseu revela preconceito e discriminação quando se compara ao publicano. Demonstra-se assim ser um religioso distanciado do seu papel de orientador espiritual que deveria ser.

Segundo Leon Denis em seu livro Após a Morte, *“... de todos os males o orgulho é o mais temível, pois deixa em sua passagem o germe de quase todos os vícios. [...] Desde que penetra as almas, como se fossem praças conquistadas, ele tudo se assenhoreia, instala-se à vontade e fortifica-se até se tornar inexpugnável.*

Ai de quem se deixou apanhar pelo orgulho! [...] Não poderá libertar-se desse tirano senão a preço de terríveis lutas, depois de dolorosas provações e de muitas existências obscuras, depois de bastantes insultos e humilhações, porque nisso somente é que está o remédio eficaz para os males que o orgulho engendra”

A postura do fariseu transmite significativa lição. Devemos ter cuidado para não nos julgarmos melhores, apenas porque ocupamos posição de destaque no meio social ou profissional ou mesmo dentro do Centro Espírita que estamos inseridos. O que diferencia uma pessoa da outra são as qualidades do seu Espírito.

No comentário de Rodolfo Calligares sobre esta parábola, ele nos diz:

“Aos olhos de Deus não basta que nos abstenhamos do mal e nos mostremos rigorosos no cumprimento de determinadas regozinhas do bom comportamento social; acima disso, é-

nos necessário reconhecer que todos somos irmãos, não nos julgamos superiores a nossos semelhantes, por mais culpados e miseráveis que pareçam, nem tampouco desprezá-los, porque isso constitui, sempre, falta de caridade.”

A afirmativa do fariseu: “não sou como os demais homens [...] nem ainda como este publicano”, além de ser improcedente, indica o desprezo que ele tinha pelos cobradores de impostos.

Revela **imaturidade espiritual** não aprovar alguém em razão da profissão, até porque, no caso, existiram publicanos que se destacaram no bem, como foi o caso do evangelista Mateus ou de Zaqueu, o publicano.

No seu monólogo com o Senhor, o fariseu se vê também como pessoa justa quando afirma: “Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo.” Percebe-se que o seu foco de interesse não era difusão e vivência das virtudes, mas as manifestações de culto externo.

As práticas religiosas da lei mosaica determinavam o jejum e o pagamento do dízimo como regras de condutas dos fiéis. O jejum, definido como uma abstinência de alimentos por prescrição religiosa ou por espírito de mortificação, ainda é utilizado nos tempos modernos.

Jesus, entretanto, não prescreveu jejum de alimentos aos seus discípulos, como está claramente identificado nesta citação Mateus: “Por que jejuamos nós, e os fariseus, muitas vezes, e os teus discípulos não jejuam?” ([Mt 9:14](#)).

O jejum prescrito por Jesus foi somente o jejum de maus pensamentos, de palavras e ações contrárias ao bem, pois é certo que para realizarmos a nossa transformação moral é necessário definirmos um “regime de jejum” contra as imperfeições que ainda possuímos.

Publicano - O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado ([Lc 18: 13,14](#)).

Percebe-se que o publicano mantinha-se numa posição de humilde respeito (“de longe”) ao se dirigir, em prece, a Deus.

Jesus aprova o comportamento do publicano e diz que este retornou justificado para casa. Além da atitude humilde, o publicano demonstra que conhece os seus defeitos, sabe que é pecador, daí nem ousar levantar os olhos para o céu.

Sobre Humildade, Indalício Mendes em seu livro *Rumos doutrinários*, no Capítulo: *Somente os fortes são humildes*, nos diz assim:

“Em [...] seu sentido estritamente etimológico, humilde provém de húmus — rente com a terra. Entretanto, muitos interpretam o vocábulo como sinônimo de baixaza, servilismo, falta de brio, ausência de dignidade pessoal, etc.

Ora, é claro que Jesus jamais desejaria que um cristão se tornasse sem dignidade e fosse capaz de rebaixar a condição humana, tornando-se servil. É preciso, portanto, que se entenda humildade e humilde como condição de pessoa modesta, sóbria, recatada, discreta, moderada nas atitudes e nas palavras.

Nunca, porém, como baixo de caráter, sem dignidade moralmente rasteiro. Humilde é antônimo de arrogante, presunçoso, agressivo, intrometido, insolente, orgulhoso e atrevido. Humilde é aquele que sabe calar, quando poderia gritar; que sabe tolerar e suportar com grandeza de ânimo o excesso alheio, para depois, serenamente, restabelecer a normalidade de uma situação.

É aquele que compreende a superioridade da calma sobre a irritação, a ascendência da tolerância sobre a intolerância, o valor da modéstia sobre a insolência, a coragem da paciência sobre a irritação, a ascendência da tolerância sobre a intolerância, o valor da modéstia sobre a insolência, a coragem da paciência sobre a irritação, a elevação do comportamento ponderado sobre a atuação agressiva.”

A humildade é, possivelmente, a mais difícil das virtudes a ser conquistada no mundo atual que, governado pelo materialismo, enfatiza o orgulho e a vaidade.

Continua Indalício Mendes *“A humildade se opõe ao orgulho, à vaidade, à presunção, à autossuficiência, causa de tanta ruína, de tanto desespero, de tanta desilusão. Acreditamos que a humildade possa ser conquistada pelo esforço cotidiano pela melhoria do caráter. [...] Para que sejamos fundamentalmente humildes [...] temos que educar a nossa alma, de modo que a ação de cada dia nos favoreça um exame rigoroso do comportamento adotado e, de confronto em confronto, possamos eliminar os pontos fracos e revigorar aqueles que nos mostramos coerentes com Doutrina.*

Humildade dirigida nem sempre adquire autenticidade. Ela tem de ser espontânea, exercendo-se naturalmente, sem que nos apercebamos que ela se desenvolve à revelia do controle da vontade. A humildade controlada, mas não livre, pode facilitar benefícios, mas não tem a força, o poder de expansão da humildade autêntica, como a que foi revelada por Jesus e praticada por numerosos Espíritos que, na Terra, seguiram de perto, ou tanto quanto possível, o exemplo do Mestre de Nazaré.”

O último versículo do texto de Lucas (“porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado”) nos faz refletir que a

humildade deve e pode ser exercitada por meio de serviço ao semelhante, em nome de Jesus, como bem nos esclarece o Espírito Irmão X (Humberto de Campos), no Livro [Pontos e contos](#), psicografado por Chico Xavier,:

“Onde está a humildade, há disposição para servir fielmente a Jesus. O verdadeiro humilde, embora conheça a insuficiência própria, declara-se escravo da vontade do Senhor, para atender-lhe aos sublimes desígnios, seja onde for.”

Conclusão:

A parábola do fariseu e do publicano destaca:

- 1 - Os malefícios do orgulho e os benefícios da humildade
- 2 - A diferença entre ter religiosidade interior em comparação com apenas demonstrar exteriormente.
- 3 - As qualidades da prece.

Nem tudo que parece é. O ensino da parábola se torna muito profundo quando destrói os julgamentos que fazemos baseados na aparência das pessoas, pois saber não é o que conta, a apresentação não é o que conta, o demonstrar não é o que conta, o pregar não é o que conta, ir ao templo externo não é o que conta.

O que realmente conta é o interior, o que vibramos, o que pensamos e sentimos realmente e não o que é percebido ou demonstrado.

O maior objetivo do estudo das parábolas, é o de repensarmos as grandes lições deixadas por Jesus para nós aqui e agora e provavelmente, estes dois personagens da parábola residem ainda dentro de cada um de nós, em nosso templo interior.

Nesta nossa caminhada que vem de milhões de anos, já temos nossos momentos de humildade e sinceridade, mas ainda temos muitos momentos de necessidade de demonstrações externas para obtermos reconhecimento e admiração, ainda que sutis.

Creio que este deve ser o nosso trabalho deste mês: Buscar lá no fundo do nosso ser nossas motivações mais íntimas, os resquícios farisaicos que ainda carregamos e estudar o que tem por traz destes comportamentos, nesta busca infundável de autoconhecimento e cura das mazelas interiores que só pode ser feita por nos mesmos.

*Resumo por **Maria Helena Leite** para a Academia Espírita de Letras do Estado de Goiás em Março de 2017.*